

Sob o manto do esquecimento: Maria de Lourdes Vale do Nascimento e o Teatro Experimental do Negro

Eliane de Souza Almeida *

Resumo:

Maria de Lourdes do Vale Nascimento é a pessoa que este artigo pretende abordar. Assistente social e jornalista, dedicou-se a transformar a vida de trabalhadores/as negros/as, inclusive crianças. Foi atuante na construção histórica da luta contra o racismo no Brasil. Ao lado de Abdias Nascimento¹ e outros/as importantes expoentes da cultura negra, ajudou a criar o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o jornal *O Quilombo* (1948-1950) no qual, em sua coluna “Fala a Mulher”, politizou e defendeu a regulamentação do emprego doméstico. Suas preocupações políticas culminaram, em 1949, no Congresso Nacional de Mulheres Negras e na criação, no ano seguinte, do Conselho Nacional de Mulheres Negras.

Palavras-chave: Maria de Lourdes Vale do Nascimento; Teatro Experimental do Negro; Coluna “Fala a Mulher”; Conselho Nacional de Mulheres Negras.

Under cover of oblivion: Maria de Lourdes Vale do Nascimento and the Teatro Experimental do Negro

Abstract:

Maria de Lourdes do Vale Nascimento is the person this article intends to address. Social worker and journalist, she dedicated herself to transforming the lives of black workers,

* Doutoranda em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), São Paulo-SP, Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares. End. eletrônico: ms.elianealmeida@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3002-7074>

¹ Embora o nome oficial fosse Abdias do Nascimento, o escritor e ativista da luta antirracista assinava como Abdias Nascimento e dava preferência a essa forma. A este respeito, em nota à edição de 2016 do livro *Genocídio do negro brasileiro*, lê-se o seguinte: “Observando a inconstância em citações e publicações, em 2004, ele [o autor] solicitou ao Ipeafro, instituto que criara e que guarda seu acervo, que uniformizasse a grafia do nome sem a preposição” (Abdias, 2017, p. 17). Que se cumpra, pois, este desejo manifestado em vida.

including children. She was active in the historical construction of the fight against racism in Brazil. Alongside Abdias Nascimento and other important exponents of black culture, she helped to create the Teatro Experimental do Negro (TEN) and the newspaper *O Quilombo* (1948-1950) in which, in her column “Fala a Mulher”, she politicized and advocated the regulation of domestic employment. Her political concerns culminated, in 1949, in the National Congress of Black Women and the creation of the National Council of Black Women the following year.

Keywords: Maria de Lourdes Vale do Nascimento; Teatro Experimental do Negro; Column “Speaks the Woman”; National Council of Black Women.

Introdução

A pesquisa documental no âmbito do curso de doutorado em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP) me levou examinar os processos² de censura imposta ao Teatro Experimental do Negro em São Paulo, em especial à peça *Sortilégio, Mistério Negro*, de Abdias do Nascimento, que passou por um longo período de censura, de 1951 a 1957, quando finalmente foi liberada. Tateando por um caminho no escuro, cada tropeço, cambaleio, cada (quase) queda me fez esbarrar em novas potencialidades de pesquisa. E foi ali nos porões da censura que, manuseando aqueles documentos, encontrei as primeiras pistas sobre Maria de Lourdes do Vale Nascimento e sua história com a construção do TEN. Até aquele momento, sequer conhecia o seu nome. No entanto, ali estava ela assinando, como representante do TEN e de Abdias Nascimento (à época, seu esposo), a solicitação para exibir a peça *Sortilégio* em São Paulo.

A surpresa foi tamanha que iniciei imediatamente uma busca sobre a vida e o trabalho desta mulher que, pelo menos para mim, era totalmente desconhecida. Folheando o fac-símile do *Jornal Quilombo* (publicação do Teatro Experimental do Negro, veiculado de julho de 1948 a dezembro de 1950), encontrei diversas matérias de sua autoria. Era dela a importante coluna “Fala a mulher”, onde se encontrava escrita uma importante parte de sua luta pessoal pela formalização do emprego doméstico, isto é, pela dignidade do trabalho das mulheres negras, a grande maioria deste setor.

Maria de Lourdes do Vale Nascimento era assistente social e trabalhava com Sebastião Rodrigues Alves em suas ações nas terapias de psicodrama, utilizadas

² Os autos se encontravam depositados no Arquivo Mireol Silveira (AMS), à época, sob a guarda da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP. O AMS guardava 6.137 processos originais do Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo. Peças teatrais, protocolos, certificações, solicitações, pareceres de censores são documentos que formam esses processos e que tinham como objetivo apresentar às autoridades o conteúdo de peças teatrais para que passassem pelo crivo dos censores e assim pudessem ser encenadas. O AMS permaneceu sob a guarda da Biblioteca da ECA/USP de 2000 até 2017, quando foi levado para ser digitalizado e guardado no Arquivo do Estado de São Paulo.

tanto em seu trabalho profissional inserindo a arte na vida de doentes quanto nos espaços de luta contra o racismo nas atividades propostas nas aulas do TEN.

Este artigo tem a intenção, despreziosa, de apresentar esta mulher, que como Lilith, a primeira esposa de Adão, se mantém nas sombras da história do Teatro Experimental do Negro, da luta pelos direitos das trabalhadoras domésticas e da importância de práticas artísticas na promoção da saúde mental.

Conhecendo Maria de Lourdes Vale Nascimento

Em 2015, pensando na possibilidade de cursar o doutorado na Escola de Comunicações e Artes da USP, me aproximei do grupo de pesquisa vinculado ao Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM) da ECA/USP. O grupo desenvolvia o projeto *Censura em Cena*, ligado ao Arquivo Miroel Silveira, e cujo objetivo central era trazer à luz peças vetadas pelo estado sob a justificativa de que seus conteúdos atentavam contra a moral e os bons costumes.

Dentre os/as pesquisadores/as, não havia alguém com a sensibilidade necessária para lidar com questões de cunho racial. No entanto, uma das peças escolhidas para o projeto era *Sortilégio, Mistério Negro*, peça escrita por Abdias Nascimento, idealizador do Teatro Experimental do Negro. Sendo eu a única negra do grupo de pesquisa, me foi oferecida a oportunidade de fazer parte do núcleo como pesquisadora voluntária, pois eu ainda não possuía vínculo institucional com a USP.

Fiquei feliz com a chance de iniciar a pesquisa que iria me colocar diante de Abdias Nascimento, um dos maiores ícones da luta antirracista no Brasil. Enquanto ativista do movimento negro e do movimento de mulheres negras, já conhecia, muito superficialmente, a história do Teatro Experimental do Negro. Sabia do casamento de Abdias com Léa Garcia, atriz reconhecida nacionalmente e que teve sua carreira iniciada aos 16 anos no TEN; também conhecia a participação efetiva da diva negra Ruth de Souza na primeira formação do grupo; e tinha notícia do legado de Abdias sob os cuidados de sua viúva, Elisa Larkim Nascimento, que dirige o Instituto de Pesquisa Afro-Brasileira (IPEAFRO), onde estão guardados documentos valiosos da experiência transformadora da cena teatral e política que foram os 24 anos de existência do TEN.

Em posse do processo de *Sortilégio*, datado de 1951, me deparei pela primeira vez com o nome de Maria de Lourdes Vale Nascimento no documento³ em que esta solicita ao censor o direito de exibição da peça de autoria de “seu esposo, Abdias Nascimento”. Tomei um susto! Como assim, seu esposo? Por que em nenhum momento da história do TEN o nome de Maria de Lourdes aparece? Essas perguntas continuam sem respostas.

³ Ver imagens 1 e 2 a seguir.

Prontuário N.º 3137



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÕES
DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS
SÃO PAULO — BRASIL

Nome:

Sartilegio

Pseudônimo:



Imagem 1: Capa do processo apresentado à censura sob o n. 3137. Ver: Nascimento (1951).



Imagem 2: Documento anexo ao processo solicitando a exibição da peça *Sortilégio*, *Mistério Negro* onde constam Abdias Nascimento (como autor e esposo) e assinatura de Maria de Lourdes Vale Nascimento. Ver: Nascimento (1951).

Há muito pouco material sobre a vivência desta mulher que, ao lado de Abdias Nascimento, construiu a grande experiência político-cultural que foi o TEN e seus desdobramentos na cena política brasileira. Todavia, é possível deduzir que, em meados de 1944, data da criação do TEN, o machismo imposto pela sociedade tornava impossível dar visibilidade à ação de uma mulher à frente de uma experiência tão poderosa e transformadora. Sendo ela uma mulher negra, a situação devia ser muito pior.

Não é novidade a invisibilidade das ações de mulheres na história do Brasil. Na atualidade, as vozes de mulheres negras têm sido erguidas muito por conta das articulações dos movimentos de mulheres negras que debruçadas sobre pesquisas acadêmicas, tem trazido à tona o pensamento e contribuição de mulheres negras em todas as áreas.

Podemos citar a valorização do pensamento de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento nas Ciências Sociais; Carolina Maria de Jesus na literatura; a valorização tardia, mas em vida, da “escrevivência” de Conceição Evaristo; a construção do conceito de epistemicídio cunhado pela filósofa Sueli Carneiro; a aplicação do termo branquitude feito por Cida Bento; as proposições certeiras na área da Comunicação e suas análises políticas afiadas feitas pela jornalista Rosane Borges; o estímulo à escrita sensível de mulheres negras defendida pela jornalista Bianca Santana.

Invisibilizar a ação de mulheres era uma prática comum, mas que na atualidade o movimento de mulheres negras tem se apropriado desses conhecimentos e os coloca a serviço da transformação social que estas mulheres, atuantes em seu tempo, mas esquecidas pela história, produziram.

Maria de Lourdes do Vale Nascimento foi uma dessas mulheres colocadas à sombra de sua própria história. Enquanto pesquisava sobre o caminho de Abdias até a criação do TEN, fui retomando livros que já possuía. Resolvi abrir o fac-símile do *Jornal Quilombo* (2003), produção do Teatro Experimental do Negro, e que contou com a colaboração de intelectuais, políticos, artistas, negros e brancos, na construção de um discurso emancipatório utilizando o jornalismo como caminho e possibilidade.

Folheando o exemplar em busca de pistas para entender o pensamento de Abdias para a escrita de *Sortilégio*, me deparei com a coluna “Fala a Mulher”, assinada por Maria Nascimento. Ali estava ela. Falando com “suas irmãs de cor e de jornada”, como sempre enfatizava.

Preocupações e atuação de Maria de Lourdes Nascimento na coluna “Fala a mulher”

Maria de Lourdes ou Maria Nascimento, como assinava seus artigos no jornal *Quilombo: Vida, Problemas e Aspirações do Negro*, tinha duas prioridades em suas tarefas

políticas: 1) a educação, utilizando a arte como ferramenta de transformação, e 2) a emancipação da mulher negra, em especial, a luta pelos direitos trabalhistas das empregadas domésticas.

O primeiro artigo, publicado em dezembro de 1948, chamava a atenção para o fato de as babás negras terem que ensinar às crianças as quais cuidam a não serem racistas, iniciando na coluna do jornal uma discussão sobre educação antirracista. O texto inicial adota o tom carinhoso, chamando para perto de si suas “patrícias de cor”. Solicita que elas entrem em contato sem temer alguma reprimenda por erros de português que por ventura acontecessem. “...aqui não é Academia de Letras e sim uma tribuna democrática para discussão de ideias e problemas nossos”, diz ela.

Incomodada com o racismo que as babás observavam nas crianças das quais eram responsáveis, Maria Nascimento ilustra a partir de um caso a importância delas na educação dessas crianças que, em seus lares, eram criadas para reproduzir o racismo.

Possuo uma amiga de inteligência espontânea e viva, empregada doméstica. Tem uma filhinha que ela leva para a creche todas as manhãs e vai buscar quando termina o trabalho, à noite. Certa vez o filho da patroa, garoto de dez anos, resolveu acompanhá-la até a creche. Quando regressaram minha amiga perguntou ao garoto: “_Então, Robertinho, gostou da casa das crianças?” Robertinho deu de ombros, fez uma cara de desprezo e petulante “sinhozinho” de Copacabana, respondeu: “_Não gostei, não. Muita mistura. Crianças brancas e pretas, todas nas mesmas salas...” (Nascimento, 1948, p. 8).

Em tom cortante e cheio de ironia, Maria Nascimento aponta para o fato de o pai e a mãe deste menino não serem brancos e mesmo assim entenderem que eles têm autorização para ensinar como os negros devem ser tratados. Conclui ela:

Esse racista-criança é filho de um judeu com uma baiana. Como essa, existem milhares de crianças brancas, que nós, negras, devemos ensinar que a cor da pele não faz ninguém melhor ou pior, (...) já que, infelizmente, até algumas mestiças disfarçadas em arianas, como essa “branca da Bahia”, ou esse judeu, talvez um foragido do nazismo, não impedem os filhos de alimentar esses estúpidos preconceitos (Nascimento, 1948, p. 8).

Sempre que possível, mencionava “a educação infantil como uma das ‘dificuldades sociais’ que [nós negros] temos que enfrentar” (Xavier, 2015, p. 2). Em maio de 1949, a pauta de Maria Nascimento continuava a ser as crianças negras. Sob o título *Infância Agonizante*, Maria atravessa a vida da criança negra periférica com a falta de alimentação até o direito de nascer com as mães tendo a possibilidade de ter

uma gestação com os cuidados necessários. Ela relata seu conhecimento da situação de subnutrição e trabalho infantil das crianças nos morros e nos subúrbios do Rio de Janeiro:

(...) subalimentação, sujeira, miséria e doença. Vegetam por aí crianças sem infância, sem alegria (...). Essa criança precocemente adulta pela promiscuidade em que vive, pela necessidade de trabalhar – ah, o suplício dos feixes de lenha e das latas d’água na cabeça – é em sua quase totalidade de côr (Nascimento, 1949a, p. 8).

Enquanto assistente social, essa população era parte de seu público-alvo. Chamava a atenção para a mortalidade infantil que acomete prioritariamente as crianças negras. E, ao mesmo tempo em que se atentava para o drama da deterioração da infância negra, também alertava para os cuidados durante a gravidez. Problemas tão antigos e que ainda fazem parte da vida de mulheres negras, pobres e periféricas. Para ela, as mulheres negras não poderiam esperar pelas instituições de caridade e tinham de enfrentar de forma organizada quando, por exemplo, o racismo institucional impedia que tivessem acesso a leitos nas maternidades. Frente aos riscos dos partos caseiros, falava às mães sobre a necessidade de priorizar a saúde das crianças negras, que morriam duas vezes mais do que as crianças brancas (Nascimento, 1949a).

Como assistente social participava, junto com o Prof. Guerreiro Ramos, do desenvolvimento da técnica do psicodrama, que consistia em representar os dramas reais das pessoas envolvidas no exercício para que as situações aflitivas fossem resolvidas ou, pelo menos, reconhecidas. Tal técnica, também utilizada nos hospícios por Sebastião Rodrigues Alves e Maria Nascimento, ambos assistentes sociais, passou a fazer parte dos métodos utilizados na formação dos atores e atrizes do TEN.

O ativismo de Maria Nascimento no TEN é parte de um processo bem maior e vinculado a inúmeras lutas de trabalhadores/as negros/as. Como escreveu a pesquisadora Giovana Xavier (2016, p. 122), ela compreendeu como ninguém “que o nome ‘Fala a Mulher’ dizia respeito à capacidade de transformar em texto escrito os clamores femininos por dias melhores”. As reivindicações urgentes emergiam incessantemente diante da degradação das vidas negras, sobretudo das trabalhadoras negras, especialmente as empregadas domésticas.

Em maio de 1949, ela promoveu o Congresso Nacional de Mulheres Negras, cuja pauta central foi a defesa da regulamentação do emprego doméstico. A este respeito, escreveu:

É inacreditável que numa época em que tanto se fala em justiça social possa existir milhares de trabalhadoras como as empregadas domésticas, sem horário de entrar e sair do serviço, sem amparo na doença e na velhice, sem proteção no período

de gestação e pós-parto, sem maternidade e sem creche para abrigar seus filhos durante as horas de trabalho. Para as empregadas domésticas, o regime é aquele mesmo regime servil de séculos atrás, pior do que nos tempos da escravidão (Nascimento, 1949b, p. 3).

Contundente na defesa das trabalhadoras domésticas, Maria de Lourdes denuncia outro aspecto brutal do racismo, o da violência policial. Em sua coluna, a jornalista, foi enfática: “ao invés da carteira profissional, as domésticas são fichadas na polícia. Assim, sob o disfarce de um serviço de identificação do trabalho doméstico, o que se pratica na polícia é o pré-julgamento de que toda doméstica é uma ladra, uma criminosa” (Nascimento, 1949b, p. 3).

A militância a esta causa a levou a um lugar de destaque no TEN e para além dele, com a criação no ano seguinte do Conselho Nacional de Mulheres Negras.

Maria de Lourdes Vale Nascimento e o Conselho Nacional de Mulheres Negras

Em publicação de fevereiro de 1950, a jornalista escreve elogios sobre a Sra. Vijaya Pandit (irmã do primeiro ministro da Índia, Pandit Nehru), que lutou pelo seu povo bravamente e, usando esse exemplo, ela busca influenciar suas irmãs brasileiras a irem à luta contra o racismo aqui no Brasil e também a buscar um espaço na política nacional (Nascimento, 1950a).

Suas preocupações políticas a levaram a ocupar espaços cada vez maiores. Doravante, além das atividades do jornal *Quilombo*, a ativista coordenou “o departamento feminino e criou o Conselho Nacional de Mulheres Negras em maio de 1950, como um dos braços do TEN” (Silva, 2010, p. 31). Com efeito, em maio de 1950, Maria de Lourdes se tornou liderança incontestada na estrutura do TEN. Em 18 de maio daquele ano, ela passou a ser a Diretora do recém-criado Conselho Nacional das Mulheres Negras. Sob sua liderança, outras mulheres negras⁴ fizeram parte integrante desta iniciativa, como a Profa. Guiomar Teixeira de Matos, a bailarina Mercedes Batista, a jovem Milka Cruz (responsáveis pelo setor de educação e instrução), dentre outras que assumiram tarefas de ensinar datilografia, educação física, orientação às mães, balé infantil etc. (Nascimento, 1950c, p. 4).

Compreendendo a quão fundamental eram aqueles debates e seus desdobramentos políticos, Maria de Lourdes atuou para que as ações do Conselho fossem mais amplas e não se restringissem ao estado do Rio de Janeiro.

A fim de atingir o carácter nacional, estamos enviando convites às nossas patrícias de todo o Brasil para emprestarem sua

⁴ Guerreiro Ramos também integrava o Conselho e era responsável pela orientação sociológica (Nascimento, 1950c, p. 4).

adesão e apoio ao novo órgão que tem, entre outros objetivos, o de dar oportunidade às brasileiras pigmentadas de manifestarem seus anseios de problemas. Somente auscultando permanentemente nosso coração e o nosso cérebro, poderemos encontrar remédio para os graves males oriundos do nosso despreparo cultural, profissional e técnico (Nascimento, 1950b, p. 4).

Das ações mais importantes do Conselho, destaco a criação da Associação Profissional das Empregadas Domésticas, cujo objetivo central era a formalização da profissão de empregada doméstica, garantindo direitos trabalhistas, academia de artes domésticas, curso de teatro e ballet infantis. Em suma, escreveu: “Este departamento feminino tem por objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu levantamento educacional, cultural e econômico”, diz Maria Nascimento (1950b, p. 4).

Considerações finais

Quando me deparei com a existência de Maria de Lourdes Vale Nascimento, não pude deixar de comparar sua invisibilidade na história do TEN com o mito de Lilith, a primeira esposa de Adão. Por ser ela uma expressão de liberdade e empoderamento da mulher nas escrituras sagradas, este mito foi suprimido da Bíblia ficando somente Eva como exemplo a ser seguido de mulher que nasce da costela de Adão e, portanto, dependente deste homem. Protagonismo na década de 1940 era prerrogativa do homem. Mulheres, por mais produtivas, combativas ou executoras, ficariam sempre à sombra da realização ou do aval do homem que tinha ao lado. Ou à frente.

Maria de Lourdes era, definitivamente, uma mulher à frente de seu tempo. A Profa. Dra. Giovana Xavier (2015; 2016; 2020) tem se debruçado sobre a vida desta intelectual, jornalista, assistente social e inspirado muitas outras intelectuais a se dedicarem à tarefa de pesquisar sobre a importância histórica de Maria de Lourdes Vale Nascimento. Emergem daí novos e aprofundados estudos⁵ que trazem à tona o protagonismo, frequentemente negado, de mulheres negras que fizeram a diferença em seu tempo e continuam servindo de bússola para a compreensão das contradições presentes nos dias atuais.

Poder ver sua grafia nos documentos oficiais da censura em São Paulo, me colocou em contato direto com aquela mulher e me conectou a uma antepassada que deixa sementes frutíferas. A doação ao outro, prerrogativa essencial para quem atua na área da assistência social, corria nas veias dessa mulher, que, apagada da história renasce agora das cinzas, como a Fênix.

⁵ Cabe mencionar, por exemplo, o artigo assinado por Renata Gonçalves e Priscila Lira (2023, no prelo) a ser publicado na revista *Em Pauta*.

Referências

- GONÇALVES, Renata; LIRA, Priscila Lemos. Maria de Lourdes Vale Nascimento e a pauta das mulheres negras nos primórdios do Serviço Social. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, n. , 2023 (no prelo).
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- _____. *Sortilégio, Mistério Negro*. Peça e Processo DDP 3137 de 15 de maio de 1951.
- NASCIMENTO, Maria de Lourdes Vale. Instalado o ‘Conselho Nacional das Mulheres Negras’. Coluna “Escreve a Mulher”. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, p. 4, mai. 1950c. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no09/>. Acesso em 02 fev. 2021.
- _____. O Conselho Nacional das Mulheres Negras. Coluna “Escreve a Mulher”. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7-8, p. 4, mar.-abr. 1950b. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-07-08/>. Acesso em 02 fev. 2021.
- _____. Nosso dever cívico. Coluna “Fala a Mulher”, *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, p. 7, fev. 1950a. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-06/>. Acesso em 02 fev. 2021.
- _____. O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico. Coluna “Fala a Mulher”. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 3, jul. 1949b. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-04/>. Acesso em 02 fev. 2021.
- _____. Infância agonizante. Coluna “Fala a Mulher”. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 8, mai. 1949a. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-02/>. Acesso em 02 fev. 2021.
- _____. Crianças racistas. Coluna “Fala a Mulher”. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 8, dez. 1948. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>. Acesso em 02 fev. 2021.

SILVA, Joselina da. Vozes soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no pós 1945. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1, p. 28-38, 2010.

XAVIER, Giovana. *Maria de Lourdes Vale Nascimento*: uma intelectual negra do pós-abolição. Niterói: Eduff, 2020. Disponível em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=196> Acesso em 21 out. 2020.

_____. De Maria de Lurdes Vale do Nascimento para as ‘mulheres negras do Brasil’. In: OLIVEIRA, Iolanda de; PESSANHA, Marcia Maria de Jesus. *Educação e relações raciais*. Vol. II. Niterói: CEAD/UFF, 2016, p. 119-129.

_____. “Fala a mulher” ou a mulher também fala? Maria de Lurdes Vale Nascimento e as articulações entre gênero, raça e classe no jornal *O Quilombo* (Rio de Janeiro, 1948-1950). *Anais do 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Curitiba, UFPR, p. 01-16, 2015.